

Um mito faz 90 anos

* João Carlos Pereira

O meu amigo nasceu ao som de uma batucada. Era sábado gordo e faziam muito barulho debaixo de um bonito sobrado, o de número 39, numa rua que, naquele tempo, se chamava Nova Santana. Hoje a rua tem outro nome, é Manuel Barata, a casa ainda está lá - o térreo abriga uma sapataria - mas já não se podem ouvir os sons que, há 90 anos, num sábado de carnaval, animavam aquele pedaço do centro da cidade. A música de antigamente sumiu. Colocaram asfalto na rua, edificaram novos prédios. O passado foi impiedosamente devorado pelo presente e o carnaval de 1905 não existe mais. Os ecos estão abafados, mas o meu amigo faz deles a matéria de sua memória.

O meu amigo era uma criança desastrada. Deixava as coisas caírem no chão, vivia se batendo nas cadeiras, o pessoal da sua casa achava que ele era até meio debilóide. Com cinco anos foi para Portugal e lá, no colégio onde o pai o matriculou, a professora descobriu que ele não enxergava direito e aí vieram os óculos e a normalidade. Mas era só correr um pouquinho e lá iam os óculos para o chão.

O meu amigo, quando criança era chamado de Zito. Em casa, era o Zitinho. O Zitinho em quem os primos maiores, em Portugal, davam cascudos e empurrões. Foi lá, no Porto, onde seu avô tinha casa, que ele aprendeu a sonhar, a calar e a sofrer; sonhar, porque, com tanta miopia, pouco podia ver da vida; calar, porque criança, no seu tempo, tinha de ouvir tudo calada e, sofrer, porque, mesmo morando num lugar lindo, deixara em Belém parte do seu coração. Portugal foi uma lição de vida, muito dura, para uma criança pequena. E o Portugal de **doços recuerdos** lhe deu, também, o rio Douro, que mais tarde teve de dividir afetos com outra imensidão de águas - o Amazonas. São os rios de sua vida.

O meu amigo foi "empurrado" para o preparatório de medicina, mas conseguiu escapar. Uma vez ele me disse que tinha **horror** daquilo. Em sua casa, na Serzedelo Corrêa,

havia um piano e um bandolim. A mãe, como convinha, ia para o instrumento das moças. O pai, tocava bandolim. A música era só diversão, porque ele deveria ser médico. Foi aí que uma amiga da casa, a seu pedido, passou a lhe dar umas aulas às escondidas. A amiga era Sinhá Moura Palha, uma tia-avó de Fafá de Belém, que tocava piano como ninguém. Mas como as coisas que têm de acontecer, acontecem, meu amigo acabou aprendendo música com o consentimento dos pais. Mas nada de piano, nem de bandolim que, ele mesmo me contou, **não acertava comigo e nem eu acertava com ele**. Levado ao Conservatório Carlos Gomes pelas mãos do maestro Ettore Bósio, o meu amigo fez o curso de piano em muito menos tempo do que deveria. Vocação para teclado era com ele mesmo. Dali para o mundo da música foi um passo.

Antes, porém, de mergulhar a alma no piano, o meu amigo quis entrar para o Exército. Tentou o 26 BC imaginem por quê? Porque achava bonita a farda dos soldados e porque um dia o irmão chegou em casa avisando que iria viajar com a Companhia para o Rio de Janeiro. Mas onde que o Exército iria aceitar alguém que, sem os óculos, não enxergava a ponta do nariz? Pior que aceitou. Bastou uma recomendaçãozinha de um coronel que morava próximo à sua casa, para que o meu amigo se transformasse no soldado 445 da Companhia de Metralhadora Mista.

O sonho do meu amigo lhe custou caro. Com a revolução de 30, o corpo da guarda ficou de prontidão e ele, apesar da recomendação do chefe de ir para casa, preferiu ficar no quartel e acabou sendo preso. Passou 3 meses em cana, mas não sem antes assistir à morte do capitão Assis de Vasconcelos, na Praça da República. Na prisão foram 90 dias de sofrimento. Prato não havia e os detidos tinham de comer no sapato ou no chapéu. E ele lá, o meu amigo, agüentando tudo em nome de um **ideal** que já não era lá essas coisas.

De volta à vida civil, foi trabalhar num banco, mas não era feliz. Sua alegria estava na música. E de novo o meu amigo se arrumou e bateu asas. Pegou um Ita no Norte e foi pro Rio morar. Com a vida mais ou menos em ordem, conseguiu um bom emprego para sua irmã e passaram a viver de música. O meu amigo e sua irmã fizeram nome. Ele, para quem não sabe, foi o primeiro diretor artístico da Rádio Globo e freqüentava os saraus na casa do jornalista Roberto Marinho, de quem era amigo. Tocou nos melhores cassinos do continente e ganhou o Velho Mundo, Paris se rendeu ao talento desse meu amigo que, com a irmã, Mara, ou com a cantora Maria Aparecida, levou à Amazônia a sua musicalidade, a Amazônia e sua cultura para terras onde a Amazônia era apenas uma verde referência no mapa-mundi. Hoje, sua música maravilhosa é ouvida até nos aeroportos do planeta. Coisa para quem pode.

Meu amigo viveu anos no Rio de Janeiro. Quando vinha a Belém, para um Círio, para umas férias, a cidade fazia era festa. As saudades foram aumentando, os convites para que voltasse eram cada vez mais insistentes, até que o ex-governador Alacid Nunes conseguiu trazê-lo definitivamente para Belém, onde, por muitos anos, dirigiu o Teatro da Paz, sucedendo ao maguenhéfico Edgar Proença e tendo como braço direito a pianista Guilhermina Nasser, que por muitos anos também dirigiu o Teatro da Paz.

Sua passagem pela direção do TP tem uns lances no mínimo curiosos. Como estava sem casa para morar, o meu amigo habitava um dos camarins do Teatro. Afinal, ele vivia para aquele espaço cultural e nada mais justo - e até oportuno - que morasse nele. Mas um dia, ele estava na janela, olhando a saída de um material inservível de uma obra que estava sendo realizada no Teatro, quando viu que os operários se esforçavam para carregar uma coisa que parecia um enorme tapete. Meu amigo desceu e foi ver de perto o que era aquilo. "Não é nada,

não senhor. É só um pano velho, pintado", explicou um operário, sem saber que aquele "pano velho pintado" nada mais era do que o magnífico pano de boca do Teatro, que o meu amigo cuidou de mandar restaurar.

Outra coisa curiosa, e que a História há de registrar, é que foi no Teatro da Paz que funcionou a primeira galeria de arte de Belém. Sem recursos, mas com muita vontade, o meu amigo não teve dúvidas. Como era necessário pintar o espaço onde funcionaria a Galeria **Angelus**, inaugurada com uma exposição de dona Conci Cutrin, ele mesmo de dispôs a fazer o serviço e fez. E a Galeria foi inaugurada com pinturas de uma artista e com a pintura de outro mestre.

Dia 15 de fevereiro o meu amigo faz aniversário. Vai ser uma semana de festa. Festas do jeito como gosta: com muita música. Acho que o meu amigo estará feliz. Claro que ele, que já viveu 90 anos, está mais do que habituado a homenagens. Mas não há quem não se emocione, por mais que tenha uma estante - como ele tem - repleta de medalhas, troféus, diplomas e plaquetas, ao saber que uma cidade, no dia de seu aniversário se põe de pé para aplaudi-lo (da mesma forma que fez na Doca, quando ele, anos atrás, desfilou em carro especial, como tema de um enredo do "Quem São Eles") e dizer que lhe tem um carinho muito especial.

Os tamba-tajás da floresta farão coro na alegria.

Todos os botos, as cobras-grandes, os bois-bumbás, as matintas estarão em festa.

E esta Santa Maria de Belém do Grão-Pará celebra a emoção dos 90 anos do meu amigo, do meu querido Waldemar Henrique. O nosso maestro.

* Professor universitário, biógrafo do Maestro e autor do livro "Encontro com Waldemar Henrique". Coordenador do Instituto da Cidade da UNAMA.